

JESUS PRÁTICA A MISERICÓRDIA DIANTE DE UMA MULHER PECADORA (Jo 7,53–8,11)

*Cristina Aleixo Simões**
*Patrícia Zaganin Rosa Martins***

Resumo

Este artigo apresenta um breve comentário sobre a perícopre da mulher adúltera do Evangelho de João. Apesar da dificuldade em explicar a origem da narrativa, trata-se de um bonito e profundo texto que contrapõe a interpretação da Lei pelos escribas e fariseus e a práxis libertadora do verdadeiro mestre Jesus. Enquanto os primeiros utilizam-se da Lei de Moisés para condenar à morte uma mulher flagrada em pecado de adultério, Jesus em sua práxis salvadora provoca nos acusadores um exame de suas próprias consciências e ensina que a Lei não é para a morte, mas ela existe para a promoção da vida! Jesus é mestre que vê a condição de pecado, não condena e dá possibilidade de vida nova. Deste modo, a perícopre tem traços de “minievangelho” porque contém o cerne do ensinamento cristão: a misericórdia e a libertação.

Palavras-chave: *Mulher adúltera. Lei. Fariseus. Misericórdia. Evangelho de João.*

Abstract

This article presents a short comment about the pericope of the adulterous woman in John's Gospel. Despite the difficulty in explaining the origin of the narrative, it covers a beautiful and deep text that contrasts the interpretation of the Law by the scribes and Pharisees and the liberating praxis from the true master Jesus. While the first use the Law of Moses to put the woman caught in adultery to death, Jesus in his saving praxis makes the accusers examine their own consciences and teaches that the Law is not for death, but it exists to promote life! Jesus is a master who sees the

* Mestre em Teologia Bíblica pela PUCPR.

** Especialista em Teologia Bíblica pela PUCPR; Mestranda em Teologia Bíblica pela PUCPR.

conditions of sin, does not condemn and enables a new life. In this way, the pericope has traits of “mini-Gospel” because it contains the heart of the Christian teaching: mercy and liberation.

Keywords: *Adulterous woman. Law. Pharisees. Mercy. John’s Gospel.*

1. Introdução

No presente artigo queremos estudar e analisar a perícopre de Jo 7,53–8,11, quando os escribas e fariseus para provar Jesus trazem uma mulher surpreendida em flagrante delito de adultério. Este relato, com características lucanas, apresenta já de início problemas quanto ao seu processo redacional, mas constitui um texto importante, uma vez que é a ocasião para Jesus, através da prática da misericórdia e do perdão, levar à salvação uma mulher excluída. E, ao mesmo tempo, calar e fazer com que se afastem em silêncio os seus acusadores. A mensagem desta passagem é muito atual neste tempo em que estamos vivendo e celebrando o Ano da Misericórdia.

Segue abaixo o texto de Jo 7,53–8,11¹:

⁵³E cada um voltou para sua casa.¹Jesus foi para o monte das Oliveiras.
²Antes do nascer do sol, já se achava outra vez no Templo. Todo o povo vinha a Ele e, sentando-se, os ensinava.³Os escribas e os fariseus trazem, então, uma mulher surpreendida em adultério e, colocando-a no meio, dizem-lhe: ⁴“Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério.
⁵Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. Tu, pois, o que dizes?”
⁶Eles assim diziam para pô-lo à prova, a fim de terem matéria para acusá-lo. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia no chão com o dedo.⁷Como persistissem em interrogá-lo, ergueu-se e lhes disse: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!”⁸Inclinando-se de novo, escrevia no chão.⁹Eles, porém, ouvindo isso, saíram um após outro, a começar pelos mais velhos. Ele ficou sozinho e a mulher permanecia lá, no meio.
¹⁰Então, erguendo-se, Jesus lhe disse: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?”¹¹Disse ela: “Ninguém, Senhor”. Disse, então, Jesus: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais”.

2. Composição e contexto literário

Esta passagem evangélica está ausente na maioria dos manuscritos mais antigos do Evangelho de João e em outros se encontra no Evangelho de Lucas.

1. Seguimos aqui a versão da Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 2006, p. 1862-1863). O texto grego será discutido ao longo do artigo.

Konings² informa que enquanto este texto está ausente nos manuscritos anteriores ao século IV a.C., as cópias posteriores a esta data apresentam a perícopes em diferentes lugares, tanto no Evangelho de João como no Evangelho de Lucas: depois do texto de Jo 7,52; depois de Lc 21,38, que segundo o estudioso seria o melhor lugar; após Jo 7,36, ou em seguida ao texto de Jo 21,25; e ainda, posterior a Lc 14,53.

Outro detalhe é que o texto traz alguns termos gregos como *katísas* (sentando-se); *grammateís* (escribas), *stésantes* (colocando-a), etc. que no quarto Evangelho só aparecem nesta perícopes; além disso, há outros termos que são pouco usados no Evangelho de João. Isso reforça a tese que o relato não seria do autor do quarto Evangelho.

Léon-Dufour³ acrescenta que a passagem fazia parte de uma narração contínua – considerando a introdução (7,52–8,2). Deste modo, concorda na forte semelhança com o texto que encerra a vida pública de Jesus em Lc 21,37-38: “Durante o dia Ele ensinava no Templo, mas passava as noites ao relento, no monte chamado das Oliveiras. E todo o povo madrugava junto com Ele no Templo, para ouvi-lo”.

Encontramos outros comentaristas que possuem uma visão de uma origem mais remota do texto: “A mais antiga referência incontestável à história encontra-se em um escrito do século III sobre disciplina religiosa, chamada Didascalia”, explica Flanagan⁴. De qualquer forma, o fato é que a narrativa não fazia parte do Evangelho original de João.

Bortolini⁵ sugere que talvez o texto tenha entrado no Evangelho segundo João por causa dos versículos 15 e 16 que vêm em sequência no mesmo capítulo: “Vos julgais conforme a carne, mas eu a ninguém julgo; se eu julgo, porém, o meu julgamento é verdadeiro, porque eu não estou só, mas comigo está o Pai que me enviou”. Embora, anteriormente, em Jo 5,22, Deus concede a seu Filho a autoridade de julgar: “Porque o Pai a ninguém julga, mas confiou ao filho todo julgamento”.

Contudo, ainda que sua inserção no texto joanino seja misteriosa, assim como a sua transmissão, Flanagan esclarece:

[...] a história contém uma das mais notáveis descrições da misericórdia de Jesus e é forte argumentação a favor de sua autenticidade evangélica. Possui todos os sinais de verdade histórica. Deve ser uma narrativa que

2. KONINGS, J. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 374.

3. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 242.

4. FLANAGAN, N.M. João. In: BERGANT, D.; KARRIS, R.J. (Orgs.). *Comentário Bíblico*. Volume III: Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2013, p. 120.

5. BORTOLINI, J. *Como ler o Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 89.

remonta a Jesus e foi transmitida pela tradição oral e usada, talvez, para solucionar o problema do perdão dos pecados para os cristãos batizados. Soa incrivelmente como narrativa lucana, já que trata de misericórdia, pecado e uma mulher⁶.

De fato, a narrativa se assemelha melhor ao estilo de Lucas, que valoriza muito a acolhida às mulheres e é onde aparecem os grandes perdões. Santo Agostinho pensava que esse trecho teria sido eliminado porque “alguns fiéis de pouca fé, ou melhor, inimigos da fé, temiam provavelmente que a acolhida do Senhor pela pecadora desse a licença de impunidade às suas mulheres”. Outros achavam que era “uma pérola perdida na tradição antiga”, que foi recuperada no século III e usada como fundamento de uma praxe penitencial menos rigorosa e mais evangélica. No entanto, sua inspiração e canonicidade hoje não são contestadas.

Sobre isso Konings comenta em sua obra a importância e o perigo da narrativa na comunidade dos primeiros séculos. O autor alega que a narrativa sobre o julgamento da mulher adúltera poderia ser uma resposta ao montanismo que exigia um maior rigorismo religioso diante de uma Igreja que “acabava de sair das catacumbas e começou a abrir-se amplamente, acolhendo inclusive de volta pecadores e apóstatas”⁷. Importante também é lembrar que a história pode referir-se a uma imagem bíblica já conhecida dentro do judaísmo: a imagem do adultério como infidelidade religiosa, baseada nos profetas, sobretudo Oseias.

Independente de sua localização dentro dos evangelhos ou de qual tradição faça parte, a narrativa é considerada um “minievangelho”⁸, uma vez que seu conteúdo coloca o leitor “no coração da mensagem cristã”, ainda enfatiza o exegeta. A misericórdia frente à questão da lei da pena de morte por adultério aponta para uma atitude de renovação diante do erro e da exclusão, que no caso envolve a figura da mulher.

3. Análise exegética

Analisaremos, ainda que brevemente, alguns dos termos principais de Jo 7,53–8,11 para uma melhor compreensão da passagem.

No Monte das Oliveiras: Jesus está no Monte das Oliveiras, lugar onde Jesus passa momentos em oração, prepara a sua missão. É também ali que Ele passava a noite em céu aberto (cf. Lc 21,37), pois tudo indica que ele não tinha uma casa ou morada fixa em Jerusalém. Bortolini acrescenta que “O Monte das

6. FLANAGAN, *João*, p. 120.

7. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 375.

8. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 375.

Oliveiras é o lugar onde Jesus assume corajosamente o projeto de Deus, a fim de levar as pessoas à vida⁹. O lugar fica próximo ao Templo; a distância até o Templo é pequena, “uma caminhada de sábado” (At 1,12). No sábado os judeus não podiam dar mais de 1250 passos.

No Templo: O Templo era o centro da religião judaica e, ao mesmo tempo, tornou-se um local de rejeição à pessoa e ao projeto de Jesus, através daqueles que representavam o poder religioso de Israel, poderosos que transformam a religião em sistema opressor. Entretanto, também no Templo, Jesus acolhe as multidões e, sentado, ensina. Ele é o verdadeiro Mestre que as multidões querem ouvir. Não se apega à Lei pela lei. Jesus ensina com autoridade, diferente dos mestres da lei, como cita Marcos 1,22: “Estavam espantados com o seu ensinamento, pois Ele ensinava como quem tem autoridade não como os escribas”. Lucas 4,32 também indica o ensinamento de Jesus: “Eles ficavam pasmados com seu ensinamento, porque falava com autoridade”. O que Jesus ensinava no Templo? Jesus falava da vida das pessoas, do Reino, da bondade e da compaixão de Deus. Os ensinamentos de Jesus só podiam ser algo que atraía aquela gente sofrida e excluída, e Ele devia falar do amor de Deus a elas.

Antes do nascer do sol: O momento é da “Festa das Tendras”, quando, desde o primeiro dia eram acesos grandes candelabros. Assim a Festa das Tendras “era também a festa da luz”¹⁰. Este pormenor é interessante e muito bonito, haja vista que no Evangelho de João, Jesus é a verdadeira Luz, o Sol que dissipa qualquer escuridão, a claridade de onde nasce a libertação da humanidade, uma libertação em plenitude: “De novo, Jesus lhes falava: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12).

Os escribas e os fariseus: Na realidade não se trata de dois grupos diferentes, porque os escribas geralmente faziam parte dos fariseus, tanto que no Evangelho de João eles não são citados separadamente – a não ser nesta passagem¹¹. Eles se julgavam os legítimos conhecedores e guardiães da Lei. Não só ensinavam como também eram ferozes aplicadores da Lei com todo o seu rigor.

León-Dufour explica que tal grupo prepara realmente uma cilada para Jesus, colocando-o numa emboscada: “Se ele propõe clemência, entra em conflito com a Lei; se aprova o apedrejamento contradiz sua própria pregação e entra em conflito com a autoridade romana”¹². De qualquer forma, o modo como fizeram coloca Jesus “contra a parede” diante de uma situação de vida ou de morte. Jesus tem que se pronunciar!

9. BORTOLINI, *Como ler o Evangelho de João*, p. 90.

10. BORTOLINI, *Como ler o Evangelho de João*, p. 90.

11. INFANTE, R. *Giovanni*. Introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2015, p. 207.

12. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 238.

Uma mulher flagrada em adultério: A mulher não tem nome e também a pericope não diz se era casada ou prometida em casamento. A Lei previa que um homem e uma mulher flagrados em adultério deviam ser apedrejados (assim ensinavam os textos do Antigo Testamento: Lv 20,30; Dt 22,22-29; e Ez 23,47), embora nos tempos mais antigos os textos exigiam até que ela devia ser queimada viva, como em Gênesis 38,24: “Cerca de três meses depois, foi dito a Judá: “Tua nora Tamar prostituiu-se e está grávida por causa de sua má conduta”. Então Judá ordenou: “Tirai-a fora e seja queimada viva”! Na Mishná se previa que ela fosse morta por estrangulamento (*Sanhedrin* 11,1.6)¹³. Os legalistas queriam aplicar a “lei da pedra” ao pé da letra (e pedras não faltavam naquela região!). Mas, por que trouxeram somente a mulher? Onde está o homem que estava com ela? No entanto, é preciso estar atentos: não é a mulher que está sendo alvo da acusação. Ela é como uma isca jogada, pois o verdadeiro objetivo é atingir e acusar Jesus de descumprir a Lei. Neste contexto Bortolini¹⁴ aponta para a discriminação da parte dos acusadores, já que apresentaram somente a mulher envolvida no delito.

A questão que não podemos deixar de mencionar é a condição e lugar da mulher em Israel, dentro de uma sociedade patriarcal “dominada e controlada por varões”¹⁵. A mulher no Antigo Testamento (AT) estava sujeita à autoridade do homem, fosse ele pai, marido, filhos (em caso de viuvez) ou irmãos. A mulher nada mais era que uma posse do homem e considerada inferior a ele em tudo! Se casada não tinha os mesmos direitos que o marido. “É impensável uma mulher com autonomia” dentro do judaísmo, explica Pagola¹⁶. Seu valor consistia em dar à luz a filhos (Dt 25,5-10) e a esterilidade era considerada uma maldição (Gn 29,21–30,24). A mulher era excluída das atividades oficiais do culto. Mesmo que as mulheres fossem consideradas membros de Israel, elas não podiam receber o sinal da Aliança, nem podiam ler a Torá na sinagoga e eram obrigadas a ficar em silêncio juntamente com as crianças – junto às quais eram enquadradas. Nem mesmo podiam pronunciar a bênção nas refeições¹⁷.

Afora tudo isso, no AT as mulheres carregavam o fardo da poligamia e considerava-se que se curvavam facilmente à idolatria. Quanto ao sistema jurídico, a mulher judia “estava submetida a todas as proibições da lei”, não tinha a mesma dignidade que o homem judeu.

13. INFANTE, R. *Giovanni*, p. 207.

14. BORTOLINI, J. *Como ler o Evangelho de João*, p. 90.

15. PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 67.

16. PAGOLA, *Jesus*, p. 67.

17. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1336.

O lugar da mulher, portanto, era dentro de casa, dentro do lar. Nesse espaço eram respeitadas e elogiadas, mas aquela que se afastava deste ambiente era malvista e desconsiderada completamente. Mais, Pagola acrescenta que havia a problemática visão a respeito da mulher como fonte de tentação para o homem, atribuindo a ela a razão do pecado da luxúria¹⁸.

Contudo, Jesus de Nazaré, um homem judeu, deixa que as mulheres se aproximem dele. Há algo nele que as atrai, e a maioria das mulheres que se aproximam de Jesus fazem parte “do estrato mais baixo daquela sociedade”¹⁹. Com certeza são atraídas pelo Reino que Jesus prega. São incluídas no Reino através da práxis de Jesus: o Reino misericordioso de Deus Pai.

A mulher é colocada “no meio”: Ao colocar a mulher “no meio”, ela é isolada, “evocando ao mesmo tempo o círculo dos acusadores ameaçadores em torno dela”²⁰. Jesus também faz parte deste círculo, embora seja envolvido por ironia e astúcia do grupo acusador. Léon-Dufour ressalta que, de forma velada ou não, a maneira interpretativa de Jesus sobre a Lei é questionável para o grupo rigorista e que já devia ter chamado a atenção deles²¹. O fato de tal grupo se dirigir a Jesus como “mestre”, esclarece o estudioso, demonstra que eles conheciam a pregação de Jesus e sua postura diante da Lei. O que poderia ser uma crítica à maneira como Jesus falava, o demonstra o texto de Mateus 5,43-44, que se refere à Torá oral: “Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás teu inimigo. Eu, porém, digo: amai os vossos inimigos...”

Jesus começou a escrever: O autor emprega um verbo composto *katégraphen*, diferente do v. 8 onde emprega o verbo tradicional *grafô* (escrever). Aqui tem mais o sentido de desenhar, traçar linhas, incidir, riscar²². O texto não diz o conteúdo do que Jesus escrevia ou quais os sinais que desenhava. Pode ser um jeito de criar suspense, dar tempo para a reflexão, para que os adversários preparassem uma resposta. Mas Jesus também pode ter mencionado passagens bíblicas que falavam da misericórdia, do amor e do perdão...

Léon-Dufour sugere que “desde a Antiguidade” o gesto de escrever é interpretado como uma ação simbólica, parecida com a dos profetas do passado de Israel, que evoca o texto do profeta Jeremias²³: “Esperança de Israel, Iahweh, todos os que te abandonam serão envergonhados, os que se afastam de ti serão escritos na terra, porque abandonaram a fonte de água viva, Iahweh” (Jr 17,13).

18. PAGOLA, *Jesus*, p. 69.

19. PAGOLA, *Jesus*, p. 68.

20. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 238.

21. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 238.

22. INFANTE, *Giovanni*, p. 208.

23. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 238.

Quem não tiver pecado seja o primeiro a atirar uma pedra: A Lei previa que as testemunhas de acusação seriam as primeiras pessoas a atirar uma pedra e em seguida o povo (Dt 17,5-7). Um exemplo dessa ordem de primeiro as testemunhas e em seguida o povo também deve “participar” da ação do veredito de morte é o texto de Dt 13,10: “Pelo contrário, deverás matá-lo! Tua mão será a primeira a matá-lo e, a seguir, a mão de todo o povo”, referindo-se aqui a casos de idolatria. Os fariseus, fiéis seguidores da Lei, sabiam que não podiam cumprir toda a Lei, porque também eram pecadores. Como podem então julgar os outros se eles também estão em pecado? Que julguem primeiro a si mesmos!

No texto de Jr 17,10, o profeta assevera que Deus conhece o mais íntimo do ser humano: “Eu, Iahweh, perscruto o coração, sondo os rins, para retribuir ao homem conforme seu caminho, conforme o fruto de suas obras”, e retribui conforme suas ações. Na oração ensinada por Jesus, mais que uma retribuição, as “obras” de cada ser humano, homem e mulher, o perdão dos pecados estão diretamente relacionadas com a postura frente ao erro do próximo: “perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixeis cair em tentação” (Lc 11,4).

Com o pronunciamento de Jesus, os que antes eram juízes, julgadores da pecadora já tendo pronta sua sentença, agora são réus, chamados a reconhecerem também sua condição de pecadores.

Começaram a sair, a começar pelos mais velhos: A tradução melhor seria “pelos anciãos”. Os anciãos não eram as pessoas mais velhas, mas as pessoas de maior responsabilidade na comunidade. No livro de Daniel 13,5.50, os dois anciãos que julgam Susana são juízes, e nem por isso necessariamente são pessoas velhas. Portanto, são os anciãos que devem dar o exemplo. Inclusive, o mesmo capítulo do livro de Daniel fala que “suscitou Deus o espírito santo de um jovem adolescente, chamado Daniel” (Dn 13,45), e mais à frente o texto afirma sobre o mesmo jovem: “Senta-se no meio de nós e expõe-nos o teu pensamento, pois Deus te deu o que é próprio da ancianidade” (Dn 13,50).

Aqueles que representam o sistema do Templo são desconcertados pelas palavras de Jesus. O sistema opressor do Templo é denunciado, trata-se de uma “lei” incapaz de salvar (a partir da interpretação de seus líderes). Assim se afastam legados ao fracasso de olhar além de seus projetos, contudo, dão lugar a uma nova ordem de vida, a misericórdia. E deste modo rompeu-se a cilada contra Jesus. Ele se encontra sozinho com a mulher, que continua “no meio”...

Mulher, ninguém te condenou? O círculo de morte feito em torno da mulher se desfez, mas ela continua ali, “não liberta” como observa Léon-Dufour²⁴, parece esperar uma sentença de Jesus. Neste momento inicia-se um diálogo e não

24. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 239.

um julgamento. Jesus age como aquele que veio ao mundo não para condená-lo, mas para salvar (Jo 3,17: “Pois Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele”). Em vez do rigor da Lei, Jesus age com misericórdia. Se a Lei não condenou a mulher, muito menos Jesus vai condená-la. É interessante sublinhar que Jesus não afirma como em outros textos: “Teus pecados são perdoados” (Lc 7,48). Ele permanece no nível jurídico da questão, colocando-se como os fariseus: “Eu também não te condeno”. Contudo, enquanto os legalistas não podem agir contra a mulher por se reconhecerem pecadores, e este não é o caso de Jesus. Desta forma Jesus denota duas coisas, acrescenta Léon-Dufour²⁵: Ele se recusa a criticar a Lei que condena o adultério – não se coloca contra a Lei, ao mesmo tempo em que manifesta seu ministério de salvação.

“*Ninguém, Senhor*”: Somente duas palavras saem da boca da mulher. Uma para definir que não sobrou nenhum dos seus acusadores, de modo que a afirmação “ninguém” soa como uma libertação, porque aqueles que se uniram para condená-la foram dispersos para longe; saíram envergonhados. A outra palavra é um dos mais importantes títulos dados a Jesus: *Kyrios* (Senhor). “O vocativo ‘Senhor’ deixa transparecer um misto de sentimentos, de gratidão por quem a libertou dos inimigos, mas também de temor por quem tem tanto poder e do qual ela espera a última palavra”²⁶.

Vai e de agora em diante não peques mais: Jesus não condena e nem aprova o pecado da mulher. Também não exige penitência ou sacrifícios. Ele age com misericórdia e perdoa, sua missão é salvar e não condenar. A atitude que Jesus tem diante dos pecadores é de compaixão (Amor). O Profeta Oseias já advertia: “Porque é o amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais que holocaustos” (Os 6,6). Portanto, o que Jesus faz é dar a chance de recomeçar a vida. Jesus cancela o passado marcado pelo pecado para reiniciar uma vida nova, dando ao pecador motivos para que creia e encontre a salvação. Pela “lei das pedras” teríamos mais uma mulher morta; pelo amor e pelo perdão, a mulher foi salva e continua viva! Jesus também não convida a mulher ao seguimento, mas devolve-lhe a liberdade para que ela mesma possa trilhar seu próprio caminho, de viver segundo os preceitos de Deus.

O gesto de Jesus: inclinar-se e erguer-se: os verbos de movimento são mencionados duas vezes, cada um, na perícopes, o que chama a atenção para seu significado, já que se repete em uma narração tão breve! Para León-Dufour, a menção no início da passagem sobre o Monte das Oliveiras situa a narrativa na proximidade da paixão. O estudioso compreende então o significado dos dois verbos no

25. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 239.

26. INFANTE, *Giovanni*, p. 208.

viés cristológico do rebaixamento e reerguimento “pelos quais Jesus vai reconciliar com Deus a humanidade prisioneira de sua condição humana”²⁷.

4. Análise teológica

4.1. *Misericórdia e não o rigor da Lei*

Este relato evangélico está em sintonia com os grandes perdões do Evangelho de Lucas (à pecadora: 7,36-50; ao filho pródigo: 15,11-32; a Zaqueu: 19,1-10; ao bom ladrão: 23,39-42). E está em sintonia também com o ensinamento de Paulo na Carta aos Romanos: “todos os homens pecaram” (Rm 3,9), no entanto, todos são salvos gratuitamente pela fé em Jesus Cristo (3,21-24), mas não podem continuar vivendo no pecado (6,1-2).

O relato se assemelha também ao episódio narrado no livro de Daniel, quando uma mulher chamada Susana foi levada para ser julgada e foi salva (Dn 13). Susana foi acusada injustamente pela perversão de dois juizes, homens que eram justos diante de Deus, mas deixaram-se vencer pelo pecado, colocando a vida de Susana em risco. A narrativa apresenta o desespero de Susana e sua fé em Deus num momento delicado de seu julgamento quando ela clama ao Senhor: “Deus eterno, que conheces as coisas ocultas, que sabes todas as coisas antes de sua origem, morrerei não tendo feito nada do que estes maldosamente inventaram a meu respeito” (Dn 13,42-43). E a narrativa continua dizendo que “o Senhor ouviu a sua voz” (Dn 13,44). Deus ouve os que clamam por Justiça. Mais ainda, em Jesus Deus ouve os pecadores! Legítima é a constatação de Susana sobre Deus: Deus conhece tudo que é oculto e sabe de todas as coisas. Portanto, Deus conhece a vida da mulher surpreendida em adultério, sua história, sua origem... sabe os caminhos que ela percorreu até aqui. E ainda que não seja inocente do pecado que é acusada, é oferecida a ela uma nova chance.

A mulher flagrada em pecado permaneceu no meio, numa atitude de espera. A esperança da mulher em escapar com vida ficou por conta de Jesus. Mas Jesus fez mais do que ela esperava: dispersou seus acusadores, perdoou a mulher e lhe restituiu dignidade. Se outrora ela não foi mais que um objeto para acusar Jesus, agora ela é uma pessoa restituída de valor.

Jesus foi colocado numa situação embaraçosa pelos representantes da Lei. Como mestre, Jesus deveria respeitar e cumprir a Lei, segundo o entendimento dos escribas. No entanto, Ele se mostra o verdadeiro “Mestre” ao fazer a interpretação da Lei como Profeta enviado de Deus: Jesus vai adiante da Lei, não vê só a questão legal, vê a justiça, age com misericórdia. Se Jesus fosse legalista não teria outra escolha a fazer, pois a lei era clara. Mas, como mencionado, Jesus vê

27. LEÓN-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 241.

a pessoa e não os seus pecados, não busca sua condenação, mas um meio para salvá-la da sanha justiceira de quem vê a lei pela lei.

4.2. O “meio” é o lugar da salvação

É possível ver uma “santa ironia” em todo o relato. Os escribas e fariseus trazem uma mulher excluída para ser julgada por Jesus. São eles que “a colocam no meio” (Jo 8,3). Numa sociedade onde a mulher era mantida à “margem”, ela é trazida agora para o “meio” pelos homens “da Lei” – escribas e fariseus. Não a colocam neste lugar para retirá-la de sua situação/condição marginal, mas sim esperavam que dali, “do meio”, ela saia condenada, apedrejada, morta. Ela foi transformada em objeto, instrumento de acusação em relação às atitudes de Jesus – confrontando seus ensinamentos e ações.

Ao contrário do que é esperado por seus acusadores, é deste “meio” que ela sai com vida e com a promessa de salvação. E é deste meio que são excluídos os legalistas. Não é bonito isso? Eles fazem uma profecia ao contrário!

Segundo o texto grego, a mulher foi colocada no meio (*stēsantes autên 'en mésō*). É a mesma expressão que é indicada para o episódio de Pedro e João em Atos que “foram conduzidos no meio” do Sinédrio e ali deram testemunho (At 4,7; 5,27). Nos Evangelhos sinóticos é esta também a expressão utilizada para aquele menino que “foi colocado no meio” e que Jesus usa para servir de exemplo (cf. Mt 18,2; Mc 9,36; Lc 9,47).

Portanto, quando todos foram embora, é a mulher que “permanece lá no meio” (Jo 8,9). Não eram os escribas e fariseus que julgavam ser santos e perfeitos? Porém, a mulher sai deste “meio” não como condenada, mas como alguém que encontrou a misericórdia e o perdão.

Em Mc 3,3, Jesus convida o homem da mão atrofiada a fazer parte da comunidade: “Levanta-te e vem para o meio”. Aqui é Jesus que toma a iniciativa. Em Jo 8,3 a mulher é “colocada no meio”. A sinagoga era o lugar do encontro, onde os judeus se reuniam para estudar a Palavra e fazer orações. Não é mais este lugar, pois se tornou o antro dos legalistas. Jesus passa a ser o lugar do encontro – é ao redor dele que se encontra a salvação – e não da exclusão, como queriam os escribas e fariseus.

4.3. Inclinarse e reerguer-se

Na *kénosis*, rebaixamento, o Verbo experimenta em tudo a condição humana e reergue tal condição à sua verdadeira dignidade e para a participação na vida divina (cf. Fl 2,5-11). Deste ponto de vista a pequena narrativa da mulher adúltera torna-se, de fato, “minievangelho”, trazendo o conteúdo da Boa-Nova a todos aqueles que buscam o Reino. Abaixando-se, Jesus se coloca como mestre

humilde que se levanta em defesa daquela que está sem nenhuma defesa. Quando Jesus se levanta, dirige-se a ela de forma pessoal e a interroga.

O campo destes gestos pode nos dizer ainda mais! Afinal, “a visão da mulher esmagada sob as pedras substitui-se à da mulher que, livre, vai para um futuro que Jesus lhe abriu”²⁸. De seu “rebaixamento” pelo pecado passa à libertação de vida com capacidade de levantar-se para um novo começo. Por outro lado, também aos fariseus e escribas, “rebaixados” em sua hipocrisia e cegueira de coração, é dada a possibilidade de vida nova, pois Jesus não os condena, enquanto conscientes de seus pecados!

Entre uma ação e outra, Jesus escreve no chão. Konings esclarece sua posição ao comentar este gesto de Jesus: “O sentido do gesto nos escapa, mas parece sugerir algo que se escreve na poeira, na areia, portanto, de modo passageiro”²⁹. Talvez se trate da nossa condição humana, passível de erro, mas possibilitada de vida eterna. Porém Pagola se coloca contrário a uma leitura simbólica oculta de tal gesto. Para o autor a gravidade do momento não admite precipitação. “Jesus procura manter-se tranquilo, dominando a situação” (2016, p. 203). E ele continua sua linha de razão explicando que o ato serviu para Jesus ganhar tempo e pensar na resposta a ser dada aos rigoristas, pois o autor do evangelho não deixaria de citar caso se tratasse de algo importante escrito no chão.

4.4. *Um diálogo e uma proposta*

A mulher colocada “no meio” apenas como objeto de confusão, mesmo que vítima de acusação, agora é protagonista de um diálogo com Jesus. Ele levanta-se e dirige sua palavra a ela. Palavra que antes já a libertou das mãos maldosas do grupo dos fariseus e escribas, agora traz a possibilidade de libertar ela própria de sua culpa. Enfim, a mulher é vista como pessoa portadora de escolha de vida nova. Diante da pergunta: “Ninguém te condenou?”, ela demonstra seu reconhecimento diante daquele homem justo que a olhou com misericórdia: “Ninguém, Senhor”. Este homem cheio de compaixão é Senhor de sabedoria e humanidade. Jesus a despede com uma proposta com tom imperativo (ordem): “Vai, e de agora em diante não peques mais”. A mulher, ao que parece, dá a abertura de interferir em sua vida, quando o chama Jesus de “Senhor”.

O texto termina assim, sem dizer o que a mulher fez, ou por onde foi. Com certeza o coração daquela mulher não foi mais o mesmo depois daquele encontro e do diálogo. O Senhor não emitiu julgamento, mas propôs um novo estilo de vida, para a salvação. É isso que Jesus ensinava no Templo, conforme Bortolini³⁰.

28. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 242.

29. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 376.

30. BORTOLINI, *Como ler o Evangelho de João*, p. 91.

4.5. Atitude de profeta

Konings detecta, na perícopa, a maneira como Jesus se posiciona quando chamado a ser juiz daquela situação de pecado: Ao “levantar-se para dar o veredito”, que não é destinado à mulher, e sim a todos os presentes, Jesus é mais que um juiz, sua atitude é de um profeta!³¹ Profeta de compaixão que denuncia a injustiça e hipocrisia da prática da Lei como condenação e morte e anuncia a graça do perdão, que libera do pecado e dá vida nova sempre! O autor continua a confirmar o tom profético das palavras de Jesus à mulher: “Eu também não te condeno...” e compara tais palavras com as do Livro do profeta Ezequiel: “Porventura tenho eu prazer na morte do ímpio? – oráculo do Senhor Iahweh. – Porventura não alcançará ele a vida ao se converter dos maus caminhos” (Ez 18,23)? “Dize-lhes: ‘Por minha vida, oráculo do senhor Iahweh; certamente não tenho prazer na morte do ímpio; mas antes na sua conversão, em que ele se converta do seu caminho e viva. Convertedei-vos, converteí-vos dos vossos maus caminhos. Por que haveis de morrer, ó casa de Israel?’” (Ez 33,11)?

Considerações finais

Mais que olhar os pecados dos outros, devemos olhar para nós mesmos e reconhecer que somos pecadores e também precisamos do perdão de Deus. No Ano Jubilar da Misericórdia, somos chamados pelo Papa Francisco a praticar a misericórdia e agir como Jesus, para que, “abertos ao diálogo, melhor nos conheçamos e compreendamos, eliminemos todas as formas de fechamento e desprezo e expulsemos todas as formas de violência e discriminação” (MV 23).

Vivemos um mundo de intolerantes e daqueles que querem fazer justiça com as próprias mãos. Nas redes sociais ou em manifestações é possível encontrar fortes sentimentos de intolerância, daqueles que pregam a volta de regimes totalitários ou a eliminação de quem não pensa de acordo com sua cartilha. Crescem os sinais de intolerância religiosa, discriminação racial, preconceitos homofóbicos etc.

Poderíamos nos perguntar: Quem são hoje as mulheres excluídas e prejudicadas, condenadas pelos falsos moralistas que julgam acima do bem e do mal?

Konings aponta para a situação das adúlteras de nossa sociedade “conforme o direito canônico” e continua: “Essas “adúlteras” de nossas periferias geralmente não são pecadoras: é “ajuntada”, é moça que “foi casada” [...] é prostituta conduzida à profissão desde criança ou sem outro meio de sobreviver”³².

31. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 376.

32. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 376.

E ainda em relação às que têm culpa, devemos escolher nosso lugar: devemos nos colocar no lugar dos fariseus, não quando condenam, mas quando se reconhecem pecadores. Contudo, não nos afastando e deixando “as adúlteras” sozinhas, sem direção. Então, devemos nos colocar como Jesus: não condena, não julga, acolhe e oferece uma vida nova.

Bibliografia

- BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.
- BORTOLINI, J. *Como ler o Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 1994.
- COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- FLANAGAN, N.M. João. In: BERGANT, D.; KARRIS, J. (Orgs.). *Comentário Bíblico*. Volume III: Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2013, p. 109-142.
- FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. O Rosto da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.
- INFANTE, R. *Giovanni*. Introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2015.
- KONINGS, J. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João IV*. São Paulo: Loyola, 1998.
- PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.

Cristina Aleixo Simões
Rua Maria de Nazaré, 559
Jardim Cidade Verde
86601-102. Rolândia, PR
crisaleixos@hotmail.com

Patrícia Zaganin Rosa Martins
R. Araçatuba, 580, ap. 402, bl 3 – Amaro
86062-340 Londrina, PR
patriciazaganin@hotmail.com